

Da reorganização geopolítica à construção da resiliência ⁽¹⁾

Anderson Dutra e Franceli Jodas ⁽²⁾

Pressões de grupos ambientalistas e a própria ânsia da sociedade por energias mais limpas já vinham impulsionando as por mudanças nas matrizes energéticas da região.

O setor de energia lida hoje com desafios sem precedentes. A guerra na Ucrânia alterou drasticamente as percepções sobre segurança energética e acelerou a agenda global de descarbonização. Como a União Europeia prometeu cortar o fornecimento de gás da Rússia em dois terços até o final deste ano e concordou com uma proibição parcial do petróleo russo, foi necessário buscar alternativas. Uma delas foi a aquisição de Gás Natural Liquefeito (GNL) dos Estados Unidos. Mas isso não basta para suprir as necessidades dos países europeus; por isso, a região agora está focada em acelerar drasticamente a sua independência energética.

Vale ressaltar que, antes da guerra, os setores de energia já passavam por dificuldades na Europa. Pressões de grupos ambientalistas e a própria ânsia da sociedade por energias mais limpas já vinham impulsionando as por mudanças nas matrizes energéticas da região.

A Alemanha, por exemplo, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada na Escócia, no ano passado, anunciou a intenção de abandonar totalmente o carvão até 2030, oito anos antes de sua meta original. Agora, a sua meta é extrair de fontes renováveis nada menos que 80% de eletricidade. França, Áustria e Polônia, alguns dos maiores consumidores de carvão da Europa, caminham na mesma direção.

Tais ambições se alinham com os Objetivos de Desenvolvimento Estratégico (ODEs) da ONU. O mundo depende cada vez mais da eletricidade – para suprir a demanda de uma sociedade cada vez mais eletrificada.

Com ocorrências tão extremas, já é possível identificar mudanças estruturais que impactam os agentes do setor globalmente. A primeira delas é a profunda transformação na dinâmica das cadeias de suprimentos globais que demonstram suas vulnerabilidades. Fontes como a nuclear, hidrogênio e as renováveis, principalmente eólica e solar, provavelmente sofrerão uma pressão mais

significativa.

Um outro movimento a ser destacado é a crescente preocupação com os ataques cibernéticos. Em um mundo abalado por guerras, é previsível que os ataques cibernéticos sejam adotados como novas “armas”. Os ativos de energia e serviços públicos são vitais para a segurança nacional já que esses agentes lidam com uma quantidade gigantesca de dados e têm múltiplas frentes de atuação. Ou seja, as possibilidades de ataque são amplas, o que levaria à inoperância de usinas, geradores e turbinas eólicas, à desconexão remota das redes, causando prejuízos imensos.

Não bastassem os desafios mencionados, a crescente digitalização em meio ao envelhecimento dos ativos de energia coloca em xeque a capacidade de modernização do setor, tanto pela escassez de recursos quanto por talentos.

As empresas não podem perder tempo. É imperativo delinear estratégias de sobrevivência e, mais do que isso, de crescimento e de disrupção. Isso envolve mapear riscos, monitorar eventos e planejar cenários que levem em consideração o maior número possível de variáveis – desde os resultados de eleições nacionais até a eclosão de novos conflitos bélicos. Construir uma cultura de resiliência é, basicamente, optar por se manter relevante e adequar-se ao novo mundo que se delinea.

(1) Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53223141/da-reorganizacao-geopolitica-a-construcao-da-resiliencia>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

(2) Anderson Dutra e Franceli Jodas são sócios da KPMG.